

Resistência ao Fascismo e ao populismo: Da Rua às Redes Sociais. Uma Análise das formas de Expressão e Contestação desde os anos 30 até a atualidade

**Resistance to Fascism and Populism: From the Streets to Social Networks.
An Analysis of Forms of Expression and Contestation from the 1930s to the Present.**

Josué Duarte | josueaod@gmail.com

Resumo

Este Artigo analisa a evolução das formas de resistência ao fascismo e ao populismo, desde as manifestações de rua e a arte nos anos 30 até ao ativismo digital nas redes sociais na atualidade. Através de uma pesquisa bibliográfica e documental, o estudo examina as diferentes estratégias de resistência, comparando as características, potencialidades e desafios de cada forma de expressão e contestação. A análise revela que, apesar das diferenças de contexto e ferramentas, a resistência se mantém através de uma luta constante em defesa da liberdade, igualdade e justiça social. As novas tecnologias, em especial as redes sociais, têm impactado profundamente as formas de resistência, ampliando o seu alcance, facilitando a organização e diversificando as formas de expressão. No entanto, a resistência na era digital também enfrenta desafios, como a desinformação, a polarização e o controle. O estudo conclui que a resistência ao fascismo e ao populismo continua a ser uma luta necessária, que exige coragem, determinação e o uso estratégico de todas as ferramentas disponíveis.

Palavras-Chave: Fascismo, Populismo, Resistência, Redes Sociais, Ativismo Digital.

Abstract

This article analyzes the evolution of forms of resistance to fascism and populism, from street demonstrations and art in the 1930s to digital activism on social media today. Through bibliographic and documentary research, the study examines the different resistance strategies, comparing the characteristics, potentialities, and challenges of each form of expression and contestation. The analysis reveals that, despite the differences in context and tools, resistance remains a constant struggle in defense of freedom, equality, and social justice. New technologies, especially social media, have profoundly impacted forms of resistance, expanding their reach, facilitating organization, and diversifying forms of expression. However, resistance in the digital age also faces challenges such as disinformation, polarization, and control. The study concludes that resistance to fascism and populism remains a necessary struggle, requiring courage, determination, and the strategic use of all available tools.

Keywords: Fascism, Populism, Resistance, Social Media, Digital Activism

Introdução

O ressurgimento de ideologias que ameaçam as sociedades livres e democráticas tornou-se um fenómeno central nas últimas décadas, exigindo uma análise crítica e reflexiva. Neste contexto, é fundamental estabelecer uma distinção conceptual clara entre fascismo e populismo. O fascismo, historicamente associado aos regimes totalitários do século XX, é um sistema político caracterizado pelo autoritarismo extremo, o nacionalismo exacerbado e a supressão violenta da oposição. O populismo, por outro lado, define-se como uma lógica política contemporânea que opõe um ‘povo’ virtuoso a uma ‘elite’ corrupta, explorando a polarização social para alcançar o poder (Levitsky & Ziblatt, 2018). Embora distintos, ambos os fenómenos partilham mecanismos de erosão democrática que justificam uma análise conjunta, especialmente no que diz respeito às formas de resistência que provocam na sociedade civil.

A ascensão desses movimentos exige uma análise crítica e reflexiva sobre as suas características, consequências e, sobretudo, sobre as formas de resistência que emergem para combatê-los. A resistência a estas ideologias manifesta-se de diversas formas ao longo da história, desde as manifestações urbanas e a arte de rua até ao ativismo digital nas redes sociais.

O fascismo, caracterizado pelo autoritarismo, nacionalismo exacerbado, culto à personalidade e supressão das liberdades individuais, marcou o século XX com regimes totalitários e guerras devastadoras (Paxton et al., 2023). O populismo, por sua vez, explora a polarização social, o discurso anti-establishment e a manipulação das emoções para alcançar o poder, corroendo as instituições democráticas e a confiança nas lideranças políticas tradicionais (Levitsky & Ziblatt, 2018).

Diante deste cenário, este artigo busca analisar a evolução das formas de resistência ao fascismo e ao populismo ao longo do tempo, desde as ruas até as redes sociais. A pergunta de partida que norteia esta investigação é: “Como as formas de resistência ao fascismo/populismo evoluíram ao longo do tempo, desde as manifestações urbanas e a arte de rua até ao ativismo digital nas redes sociais? Quais as características, potencialidades e desafios de cada forma de expressão e contestação?”

Para responder a esta questão, o artigo tem como objetivos: Identificar e analisar as diferentes formas de resistência ao fascismo/populismo, considerando as especificidades da

contestação a cada um destes fenômenos, desde os anos 30 até a atualidade; Comparar as estratégias de resistência urbana, artística e cultural com as novas formas de ativismo digital, considerando o contexto histórico e social de cada período; Discutir o papel das redes sociais na organização e mobilização de movimentos de resistência, avaliando o seu impacto na disseminação de informação, na construção de narrativas e na mobilização social e; Analisar o impacto das diferentes formas de resistência na sociedade e na cultura, refletindo sobre as suas contribuições para a defesa da democracia e dos direitos humanos.

Através de uma pesquisa bibliográfica e documental, este artigo explorará diferentes fontes, incluindo obras de autores como Hannah Arendt (2013), Umberto Eco (1998) e Timothy Snyder (2017), documentos históricos, produções artísticas e culturais, e conteúdo de redes sociais. A análise crítica dessas fontes permitirá traçar um panorama abrangente das diferentes formas de resistência ao fascismo e ao populismo, contribuindo para a compreensão deste fenômeno complexo e multifacetado.

1. Metodologia

O presente estudo adota uma abordagem qualitativa, fundamentada em pesquisa bibliográfica e documental, para responder às questões de investigação. O *corpus* da análise foi constituído a partir de três tipos de fontes principais, selecionadas segundo critérios de relevância teóricos e representatividade histórica, nomeadamente:

1. Fontes Bibliográficas: A base teórica foi construída a partir da análise de obras académicas de referência sobre totalitarismo, fascismo e populismo. O critério de seleção privilegiou autores canónicos (e.g., Hannah Arendt, Umberto Eco) e teóricos contemporâneos que são centrais para a discussão sobre a extrema-direita e o ativismo digital (e.g., Cas Mudde, Zeynep Tufekci). Esta seleção visa garantir um embasamento concetual robusto para a análise.
2. Fontes Documentais e Históricas: Foram analisados documentos históricos, como manifestos, panfletos e fotografias, relativos aos movimentos de resistência nos anos 30. A seleção destes materiais foi guiada pela sua capacidade de ilustrar as táticas e os desafios da resistência em contexto de repressão fascista, utilizando exemplos paradigmáticos da Alemanha, Espanha e Portugal.

3. Fontes Digitais: Investigaram-se as novas formas de ativismo através da análise de conteúdo de redes sociais como *Facebook, Twitter, Instagram e Youtube*. Os Exemplos (e.g., *hashtags, memes*, movimento como *#BlackLivesMatter* e a Primavera Árabe) foram selecionados por serem casos de elevado impacto e amplamente documentados na literatura sobre mobilização social em rede.

2. Enquadramento Teórico: Fascismo e Populismo

O fascismo emergiu no início do século XX, em um contexto marcado pelas crises sociais e económicas do pós-Primeira Guerra Mundial. A fragilidade das democracias liberais, o medo do comunismo e o sentimento de humilhação nacional em alguns países, como a Itália e a Alemanha criaram um terreno fértil para a ascensão de movimentos autoritários que prometiam ordem, estabilidade e grandeza nacional (Paxton et al., 2023).

Os regimes fascistas que se instalaram na Europa compartilhavam características comuns, com o nacionalismo exacerbado, o autoritarismo, o culto à personalidade, o militarismo, a propaganda, a repressão da oposição e o controle dos meios de comunicação (Stanley, 2018). Mussolini na Itália e Hitler na Alemanha personificaram a figura do líder carismático e autoritário que prometia restaurar a glória nacional e solucionar os problemas do país.

O impacto do fascismo foi devastador, culminando na Segunda Guerra Mundial, no Holocausto e na perda de milhões de vidas. As consequências sociais, políticas e económicas dos regimes fascistas foram profundas e duradouras, marcando a história do século XX (Davies & Lynch, 2005).

Para compreender o fascismo, é crucial analisar os seus conceitos-chave. O totalitarismo, um conceito explorado por Hannah Arendt (2013), caracteriza-se pelo controle total do Estado sobre a vida dos cidadãos, a eliminação da sociedade civil e a supressão das liberdades individuais. No fascismo, o Estado totalitário se impõe em todas as esferas da vida social, buscando moldar o indivíduo de acordo com a ideologia do regime.

O nacionalismo desempenha um papel central no fascismo, com a exaltação da nação, a construção de um inimigo externo e a promoção da unidade nacional através da exclusão e da violência (Paxton et al., 2023). O nacionalismo fascista se manifesta na

crença na superioridade da própria nação e na necessidade de expansão territorial e domínio sobre outros povos.

O culto à personalidade do líder é outra característica marcante do fascismo (Stanley, 2018). O líder é apresentado como um salvador da pátria, um guia infalível que encarna as aspirações da nação. A propaganda e os meios de comunicação são utilizados para construir e difundir a imagem do líder, gerando adoração e obediência cega.

A propaganda é uma ferramenta essencial nos regimes fascistas, utilizada para manipular a opinião pública, disseminar ideologias e justificar as suas ações (Eco & Aguiar, 1998). Através da propaganda, o regime busca controlar a informação, criar inimigos internos e externos, e mobilizar a população em apoio às suas políticas, muitas vezes baseadas no ódio e na discriminação.

Apesar da derrota dos regimes fascistas na Segunda Guerra Mundial, o fascismo não desapareceu. Nas últimas décadas, temos assistido ao ressurgimento do neofascismo em diferentes partes do mundo, com a adaptação das ideologias fascistas ao contexto contemporâneo (Mudde, 2019). Os movimentos neofascistas exploram temas como a crise migratória, o terrorismo e a globalização para promover o medo, a xenofobia e o nacionalismo.

O populismo também apresenta pontos de convergência com o fascismo, como a polarização social, o discurso anti-establishment e a manipulação das emoções (Levitsky & Ziblatt, 2018). No entanto, o populismo não se caracteriza necessariamente pelo autoritarismo e pela violência, podendo se manifestar em diferentes espectros políticos.

O fascismo no século XXI representa um desafio para as democracias, com o crescimento da extrema-direita, o discurso de ódio e a desinformação. As novas tecnologias, como as redes sociais, têm sido utilizadas para disseminar ideologias extremistas e mobilizar grupos radicais. A defesa da democracia e dos direitos humanos exige vigilância constante e uma resposta firme aos movimentos que ameaçam a liberdade e a dignidade humana.

2.1. Resistência ao Fascismo e Populismo nos anos 30

A década de 1930 foi marcada pela ascensão de regimes fascistas e populistas em diversos países da Europa, como Itália, Alemanha, Espanha e Portugal (Paxton et al.,

2023). Em um contexto de crise económica e social, esses movimentos autoritários ganharam força, pois prometiam ordem, estabilidade e grandeza nacional. No entanto, a imposição de regimes totalitários, a supressão das liberdades individuais e a perseguição a opositores geraram movimentos de resistência que se manifestaram de diferentes formas (Arendt, 2013).

Apesar da repressão, grupos de opositores organizavam manifestações e protestos, de forma a desafiar a ordem pública e a expressar a sua insatisfação com o regime (Griffin, 2010). Essas manifestações, muitas vezes reprimidas com violência, demonstravam a existência de uma resistência ativa ao fascismo e ao populismo.

Diante da perseguição política, grupos de resistência se organizavam clandestinamente, criando redes de apoio e comunicação para divulgar informações, planejar ações de sabotagem e proteger perseguidos políticos (Davies & Lynch, 2005).

A imprensa independente foi censurada ou controlada pelos regimes fascistas e populistas. Em resposta, grupos de resistência criaram publicações clandestinas, como jornais, panfletos e livros, para divulgar ideias contrárias ao regime e manter viva a chama da liberdade de expressão.

A arte e a cultura também se tornaram formas de resistência, expressando críticas ao regime e valores humanistas através da literatura, música, teatro e artes visuais (Ben-Ghiat, 2004). Artistas e intelectuais utilizaram a sua criatividade para denunciar as atrocidades do fascismo e do populismo, inspirando a resistência e mantendo viva a esperança de um futuro melhor.

A resistência ao nazismo na Alemanha manifestou-se através de diferentes grupos, como a Rosa Branca, um grupo de estudantes que distribuía panfletos antinazistas, e o Círculo de Kreisau, um grupo de intelectuais e políticos que planejava a reconstrução da Alemanha após a queda do regime.

A Guerra Civil Espanhola (1936-1939) é outro exemplo de resistência contra o fascismo, a mesma foi um conflito marcado pela luta contra o fascismo, com a participação de brigadas internacionais que se uniram aos republicanos espanhóis na defesa da democracia (Tusell, 2007).

Já em Portugal, a resistência ao regime do Estado Novo se manifestou através de diferentes movimentos, como o MUD (Movimento de Unidade Democrática) e a LUAR

(Liga de Unidade e Acção Revolucionária), que lutavam pela democracia e pela liberdade (Pimentel, 2020).

A resistência ao fascismo e ao populismo nos anos 30 enfrentou diversos desafios, como a forte repressão policial, a censura, a propaganda do regime e a dificuldade de organização em um contexto de medo e vigilância constante. No entanto, apesar das adversidades, os movimentos de resistência demonstraram a coragem e a determinação de indivíduos e grupos que se recusam a aceitar a opressão e lutaram pela liberdade e pela justiça social.

2.2. A Transição para as Redes Sociais

Com o advento da internet e a popularização das redes sociais, as formas de resistência ao fascismo e ao populismo se transformaram, expandindo-se para o ciberespaço, transcendendo assim as fronteiras físicas. Castells (2003) argumenta que a internet e as redes sociais criaram um novo espaço de comunicação e interação social, o qual impacta profundamente as dinâmicas políticas e sociais. As redes sociais, como Facebook, Twitter, Instagram e Youtube, acabaram por se tornar importantes plataformas para a organização, mobilização e expressão de movimentos de resistência, permitindo que indivíduos e grupos se conectem, compartilhem informações e coordenem ações de forma rápida e eficiente (Tufekci, 2017).

Essa transição para o digital proporcionou o surgimento de novas formas de expressão e contestação. As hashtags, por exemplo, tornaram-se uma ferramenta poderosa para mobilizar e organizar debates em torno de temas relacionados à resistência. Através de hashtags como #Resistencia, #Antifa e #Democracia, ativistas conseguem dar visibilidade às suas causas, conectar-se com pessoas que compartilham os mesmos valores e organizar protestos e campanhas online. Bennett e Segerberg (2012) destacam o papel das hashtags na conexão entre o online e o offline, permitindo que movimentos sociais se organizem e ganhem força nas redes sociais.

Os memes (exemplo figura 1), com o seu humor e poder de viralização, também são utilizados para satirizar líderes e ideologias fascistas e populistas, desconstruindo as suas narrativas e desmitificando as suas figuras de poder. Shifman (2013) analisa como os memes se tornaram uma forma de expressão política na cultura digital, permitindo que

indivíduos criem e compartilhem mensagens críticas e satíricas sobre temas sociais e políticos. Vídeos virais que denunciam atos de violência, discriminação e injustiça, ou que promovem mensagens de tolerância e igualdade, também têm grande potencial de impactar um grande número de pessoas e influenciar a opinião pública, como demonstrado por estudos sobre ativismo digital (Earl & Kimport, 2013).

Figura n.º 1. Meme Político sobre a situação de fome na Venezuela. Autor desconhecido.



Fonte: Retirado do Acervo de Memes políticos (ACM)

As redes sociais desempenham um papel fundamental na organização e mobilização de movimentos de resistência. Elas facilitam o acesso à informação e a disseminação de notícias, denúncias e análises sobre o fascismo e o populismo, permitindo que ativistas construam e difundam narrativas alternativas àquelas propagadas por esses movimentos, contribuindo para a desconstrução de discursos de ódio e preconceito. Além disso, as redes sociais facilitam a organização de protestos, manifestações e campanhas online, mobilizando pessoas para a ação e fortalecendo os movimentos de resistência.

Movimentos como o #MeToo e o #BlackLivesMatter (Figura 2), por exemplo, utilizaram as redes sociais para denunciar abusos e violências e mobilizar pessoas em torno da luta por igualdade e justiça social. A Primavera Árabe também demonstrou o poder das redes sociais na organização de protestos contra regimes autoritários, um exemplo disso

seria as manifestações que ocorreram no Egito em 2011 como observado na figura 3. Casos de ativismo digital contra o fascismo e o populismo em diferentes países, como a resistência online ao governo Bolsonaro no Brasil ou aos movimentos de extrema-direita na Europa, ilustram a diversidade e a importância das ações de resistência no ciberespaço.

Figura n.º 2. Movimento Black Lives Matter fundado por Alicia Garza, Patrisse Cullors e Opal Tometi nos Estados Unidos em 13 de julho de 2013



Fonte: blacklivesmatter.com

Figura n.º 3. Manifestação no Cairo contra o então presidente egípcio, Hosni Mubarak, em 10 de fevereiro de 2011



Fonte: PEDRO UGARTE (AFP via Getty Images)

No entanto, é preciso reconhecer os desafios que as redes sociais apresentam para a resistência. A disseminação de desinformação e propaganda exige cuidado e senso crítico na seleção e avaliação das informações. O risco de polarização e radicalização também é uma preocupação, pois as redes sociais podem contribuir para a criação de “bolhas” onde as pessoas só se comunicam com quem pensa como elas, limitando o diálogo e o debate democrático. Além disso, é preciso estar atento à vigilância e ao controle que governos e empresas podem exercer sobre as redes sociais, protegendo a privacidade e a liberdade de expressão (Zuboff, 2019).

Em suma, as redes sociais se tornaram um campo de batalha na luta contra o fascismo e o populismo, oferecendo novas ferramentas e possibilidades para a resistência. É crucial compreender as dinâmicas e os desafios desse novo espaço de luta, para que as redes sociais sejam utilizadas de forma estratégica e ética na defesa da democracia e dos direitos humanos.

3. Análise comparativa das formas de resistência

Após analisarmos as formas de resistência ao fascismo e populismo nos anos 30 e a transição para as redes sociais, podemos traçar um paralelo entre esses dois momentos históricos e identificar semelhanças, diferenças e continuidade. A resistência, em qualquer época, se manifesta como uma luta por liberdade, igualdade, justiça social e direitos humanos. Apesar das diferenças de contexto e ferramentas, o objetivo central permanece o mesmo: defender a democracia e combater a opressão. Tanto nos anos 30 como na atualidade, indivíduos e grupos que se levantam contra o fascismo e o populismo demonstram grande coragem e resiliência ao defender os seus valores e ao lutar por um futuro melhor (Arendt, 2013). A Tabela 1, abaixo sistematiza as principais diferenças e semelhanças entre estes dois períodos.

Tabela n.º 1. Análise Comparativa das Formas de Resistência (Anos 30 vs Era Digital)

Característica	Resistência nos Anos 30	Resistência na Era Digital (Redes Sociais)
Organização	Centralizada e clandestina (células, grupos secretos). Movimentos organizados .	Descentralizada e em rede (comunidades online). Movimentos orgânicos .
Comunicação	Lenta e de baixo alcance (panfletos, jornais clandestinos, rádio).	Instantânea e global (<i>hashtags</i> , <i>memes</i> , vídeos virais).
Alcance	Local/nacional, limitado por fronteiras geográficas.	Global e transnacional, conectando ativistas internacionalmente.
Táticas Principais	Manifestações de rua, desobediência civil, sabotagem, produção artística.	Ativismo de <i>hashtag</i> , campanhas virais, petições online, denúncias em vídeo.
Desafios	Repressão estatal violenta, censura, vigilância física, dificuldade de comunicação.	Desinformação (<i>fake news</i>), polarização (bolhas ideológicas), vigilância digital, controle de plataformas.

Fonte: Tabela feita pelo autor do artigo.

A tabela acima evidencia uma das transformações mais significativas na natureza da contestação social: a passagem de movimentos predominantemente organizados para modelos mais orgânicos. Nos anos 30, a resistência dependia de estruturas hierárquicas e de uma organização clandestina formal para sobreviver à repressão estatal. Hoje, as redes sociais potenciam a emergência de movimentos orgânicos, caracterizados por lideranças fluidas, estruturas descentralizadas e uma mobilização que pode ocorrer de forma espontânea e viral. Esta mudança alinha-se com a lógica da ação concetiva descrita por Bennett e Segerberg (2012), na qual a tecnologia digital permite que a ação política seja personalizada e coordenada sem depender de uma organização formal pré-existente.

A resistência fortalece-se através da organização e da mobilização coletiva. Tanto nos anos 30, com a criação de organizações clandestinas, como na atualidade, com o uso

das redes sociais, a união de forças é essencial para ampliar o alcance e o impacto das ações de resistência (Davies & Lynch, 2005). A comunicação sempre foi uma ferramenta fundamental na resistência. Nos anos 30, a imprensa clandestina e as artes desempenhavam um papel importante na difusão de ideias e na mobilização da população. Na atualidade, as redes sociais amplificam o alcance da comunicação, permitindo que mensagens de resistência cheguem a um público global (Castells, 2003).

Nos anos 30, a comunicação era limitada pelos meios disponíveis na época, como panfletos, jornais clandestinos e rádio. Na atualidade, as redes sociais e a internet permitem uma comunicação instantânea e global, ampliando o alcance e a velocidade da disseminação de informações. A organização da resistência também se diferencia entre os dois períodos. Nos anos 30, a resistência se organizava principalmente através de grupos clandestinos e redes de contacto presencial. Com as redes sociais, a organização se torna mais horizontal e descentralizada, com a formação de comunidades online e a mobilização em tempo real (Tufekci, 2017). Outra diferença marcante é o alcance da resistência. Nos anos 30, a resistência era muitas vezes localizada e limitada pelas fronteiras geográficas. Com a internet, a resistência se globaliza, conectando pessoas e movimentos de diferentes países e culturas.

As novas tecnologias, em especial, em especial as redes sociais, têm um impacto profundo nas formas de resistência ao fascismo e ao populismo. Elas permitem ampliar o alcance da resistência, democratizando a informação e permitindo que mensagens de resistência cheguem a um público global, transcendendo as barreiras geográficas e culturais. As redes sociais também facilitam a organização e a mobilização, permitindo a criação de comunidades online, a organização de eventos e a mobilização de pessoas para a ação (Earl & Kimport, 2013). Além disso, diversificam as formas de expressão, permitindo a utilização de diferentes formatos e linguagens, como texto, imagens, vídeos e memes, para expressar a resistência de forma criativa e impactante.

Apesar das diferenças entre as formas de resistência nos anos 30 e na atualidade, algumas continuidades são notáveis. A resistência ao fascismo e ao populismo, em qualquer época, se baseia na defesa de valores humanistas, como a liberdade, a igualdade, a justiça social e a solidariedade. A resistência se fortalece através da ação coletiva, da união de forças e da construção de movimentos sociais fortes e organizados. A cultura e a

arte continuam sendo importantes formas de expressão da resistência, denunciando as injustiças, inspirando a esperança e promovendo a reflexão crítica.

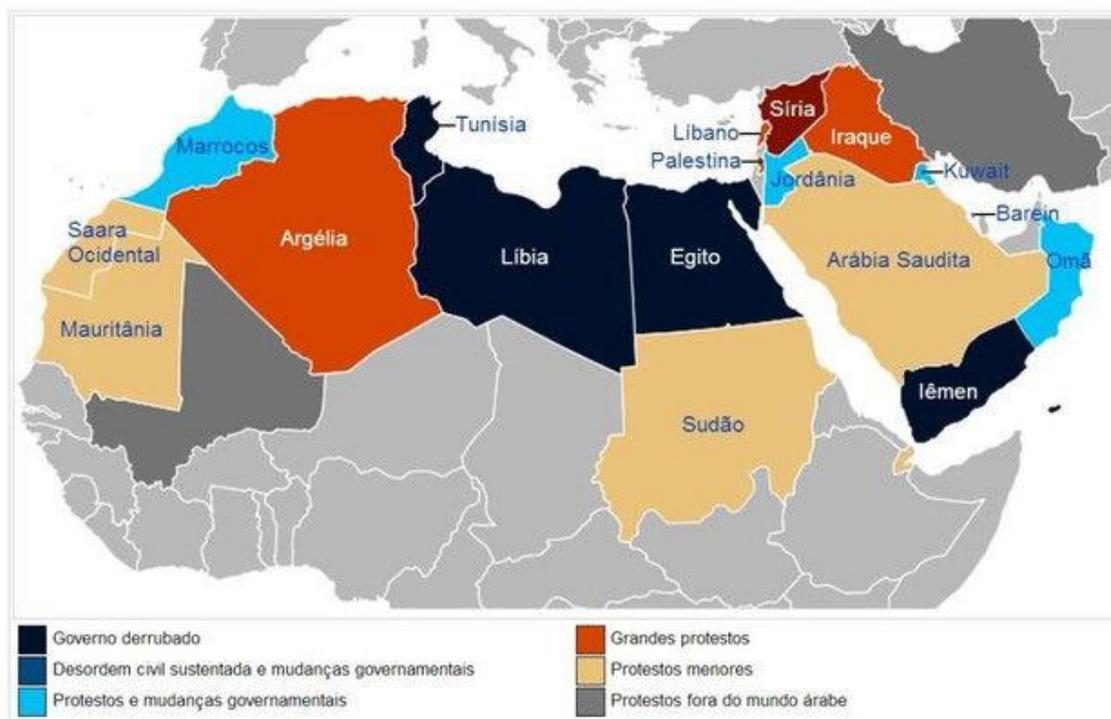
Em conclusão, a análise comparativa das formas de resistência ao fascismo e ao populismo nos anos 30 e na atualidade revela semelhanças, diferenças e continuidades. As novas tecnologias, em especial as redes sociais, têm um impacto profundo nas formas de resistência, ampliando o seu alcance, facilitando a organização e diversificando as formas de expressão. No entanto, é preciso estar atento aos desafios que as novas tecnologias apresentam, como a desinformação, a polarização e o controle. A resistência ao fascismo e ao populismo continua sendo uma luta constante e necessária, que exige coragem, determinação e o uso estratégico de todas as ferramentas disponíveis.

4. Resistência ao Fascismo e Populismo na Era Digital: Desafios e Oportunidades

A internet e as redes sociais transformaram o panorama da resistência ao fascismo e ao populismo, configurando-se como um novo campo de batalha onde se travam disputas por narrativas, propaganda online e mobilização social. Castells (2003) destaca a importância do “poder da comunicação” na sociedade em rede, onde a internet e as redes sociais se tornaram espaços centrais para a construção de identidades, mobilização de movimentos sociais e disputa política. Nesse contexto, a resistência ao fascismo e ao populismo se reinventou, aproveitando as ferramentas digitais para ampliar o seu alcance, organizar-se e mobilizar-se de forma mais eficiente.

O ativismo digital se manifesta através de diversas formas, como campanhas online, petições, hashtags, memes e vídeos virais. Earl e Kimport (2013) demonstram como as ferramentas digitais permitem que ativistas compartilhem informações, construam narrativas e mobilizem pessoas para a ação de forma rápida e descentralizada. As redes sociais, em particular, têm desempenhado um papel crucial na organização de protestos e mobilizações, como já mencionado anteriormente pode ser observado na Primavera Árabe (Figura 4) e em outros movimentos sociais contemporâneos (Tufekci, 2017).

Figura n.º 4. Mapa dos países envolvidos na Primavera Árabe



Fonte: <https://static.todamateria.com.br/upload/pi/rm/pirmavera-cke.jpg>

A resistência na era digital enfrenta desafios complexos, como a vigilância online, a censura, a desinformação, a polarização e o discurso de ódio. Zuboff (2019) alerta para o “capitalismo de vigilância”, onde empresas e governos coletam dados massivos sobre os usuários da internet para fins de controle e manipulação. A desinformação, propagada por meio de bots, fake news e perfis falsos, representa uma ameaça crescente à democracia, dificultando o debate público e manipulando a opinião pública (Lewis & Marwick, 2017).

Apesar dos desafios, a era digital também oferece oportunidades inéditas para a resistência. A internet e as redes sociais permitem ampliar o alcance das mensagens de resistência, transcendendo fronteiras geográficas e culturais e alcançando um público global. A facilidade de organização e mobilização online permite que movimentos de resistência se articulem de forma rápida e descentralizada, conectando pessoas e grupos de diferentes partes do mundo (Bennett & Segerberg, 2012). A diversificação das formas de expressão, com a utilização de diferentes mídias e linguagens, também fortalece a resistência, permitindo que ativistas criem e compartilhem mensagens criativas e impactantes.

A resistência na era digital deve se pautar por princípios éticos e responsáveis, respeitando a privacidade, a segurança online e a veracidade das informações. O combate à desinformação e ao discurso de ódio é crucial para garantir que as redes sociais sejam utilizadas como ferramentas de empoderamento, e não de manipulação e opressão.

O futuro da resistência na era digital se apresenta repleto de desafios e oportunidades. A constante evolução das tecnologias digitais exige que os movimentos de resistência se adaptem e inovem, explorando novas ferramentas e estratégias para combater o fascismo e o populismo. A educação para o uso crítico e ético das tecnologias, o combate à desinformação e a construção de redes de solidariedade transnacionais são elementos-chave para garantir a eficácia da resistência na era digital.

Conclusão

A análise percorrida neste artigo demonstrou que, embora a ameaça de ideologias autoritárias seja uma constante histórica, as formas de resistência evoluem e adaptam-se aos seus tempos. A jornada da contestação ao fascismo e ao populismo levou-nos das ruas e organizações clandestinas dos anos 30, marcadas pela repressão física e pela comunicação subversiva, até ao ciberespaço da atualidade, um campo de batalha onde *hashtags*, *memes* e campanhas virais tornaram-se novas armas na luta pela democracia.

Apesar da profunda transformação nas ferramentas e táticas, a essência da resistência permanece inalterada. A luta contra a opressão continua a ser fundamentada em valores humanistas como a liberdade, a igualdade e a justiça social. A ação coletiva e a construção de redes de solidariedade, seja em células secretas ou em comunidades online, mantêm-se como pilar fundamental que sustenta a coragem de quem se recusa a aceitar o silêncio imposto pelo autoritarismo.

A transição para a era digital, contudo, revelou-se uma faca de dois gumes. Se, por um lado, as redes sociais democratizaram a informação e potenciaram a mobilização a uma escala global, por outro, introduziram desafios complexos. A desinformação, a polarização em bolhas ideológicas e a vigilância digital são ameaças que exigem dos movimentos de resistência não apenas criatividade, mas também um elevado sentido de responsabilidade e de literacia mediática.

Em suma. A resistência ao fascismo e ao populismo é uma luta contínua, que se reinventa em cada geração. Ao demonstrar como as formas de contestação evoluíram e ao analisar as potencialidades e os desafios de cada época, este estudo procurou contribuir para a compreensão deste fenómeno em constante mutação. A defesa da democracia e dos direitos humanos depende, hoje como ontem, da nossa capacidade de resistir, de inovar e de usar de forma estratégica e ética todas as ferramentas ao nosso dispor para construir um futuro mais justo e livre.

Referências Bibliográficas

- Arendt, H. (2013). *Origens do totalitarismo: Antissemitismo, imperialismo, totalitarismo* (R. Raposo, Trad.; 1st edition). Companhia das Letras.
- Ben-Ghiat, R. (2004). *Fascist Modernities: Italy, 1922-1945* (First Edition). University of California Press.
- Bennett, W. L., & Segerberg, A. (2012). The logic of connective action: Digital media and the personalization of contentious politics. *Information, Communication & Society*, 15(5), 739–768. <https://doi.org/10.1080/1369118X.2012.670661>
- Castells, M. (2003). *A galáxia da internet: Reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade* (1ª edição). Zahar.
- Davies, P., & Lynch, D. (2005). *The Routledge Companion to Fascism and the Far Right*. Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780203994726>
- Earl, J., & Kimport, K. (2013). *Digitally Enabled Social Change: Activism in the Internet Age* (Reprint edition). Mit Pr.
- Eco, U., & Aguiar, E. (1998). *Cinco escritos morais* (9ª edição). Record.
- Griffin, R. (2010). *Modernismo y fascismo / Modernism and Fascism: La sensación de comienzo bajo Mussolini y Hitler*. Ediciones Akal Sa.
- Levitsky, S., & Ziblatt, D. (2018). *How Democracies Die*. Crown.
- Lewis, B., & Marwick, A. E. (2017). *Media Manipulation and Disinformation Online*. Data & Society Research Institute. <https://datasociety.net/library/media-manipulation-and-disinfo-online/>
- Mudde, C. (2019). *The Far Right Today* (1st edition). Polity.
- Paxton, R. O., Zimbres, P., & Zimbres, P. (2023). *Anatomia do fascismo* (2ª edição). Paz & Terra.
- Pimentel, A. (2020). *Historia de Portugal, Vol. 3*. Forgotten Books.
- Shifman, L. (2013). *Memes in Digital Culture*. The MIT Press.
- Snyder, T. (2017). *Sobre a tirania: Vinte lições do século XX para o presente* (1ª edição). Companhia das Letras.

Stanley, J. (2018). *How Fascism Works: The Politics of Us and Them* (Illustrated edition). Random House.

Tufekci, Z. (2017). *Twitter and Tear Gas: The Power and Fragility of Networked Protest*. Yale University Press.

Tusell, J. (2007). *Historia de España en el siglo XX - 3: La dictadura de Franco*. Taurus.

Zuboff, S. (2019). *The Age of Surveillance Capitalism: The Fight for a Human Future at the New Frontier of Power* (1st edition). PublicAffairs.